

# O discurso da adolescência

**Kátia Alexsandra dos Santos\*, Adriana Aparecida Vaz da Costa e Aline Ramires Moraes Matsumoto**

*Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. \*Autor para correspondência. e-mail: kalexsandra@yahoo.com.br*

**RESUMO.** O presente artigo é fruto de alguns trabalhos que desenvolvemos acerca das questões identitárias pelo viés da Análise do Discurso de linha francesa. Considerando que o sujeito se constitui pelo discurso, é a partir dele que procuramos pensar a identidade como efeito produzido pela linguagem e constituído a partir de práticas discursivas que circulam dentro de uma conjuntura sócio-histórico-ideológica. Neste trabalho, pretendemos verificar como se dá a construção da identidade do adolescente através do seu discurso, tendo em vista que a maioria dos estudos relacionados à adolescência trazem uma visão dos adultos sobre ela, e não a dos próprios sujeitos. Voltamos os olhos, então, não para as práticas discursivas que circulam sobre o adolescente, mas para o que ele tem a dizer sobre si mesmo e a fase que atravessa.

**Palavras-chave:** discurso, adolescente, identidade.

**ABSTRACT. Adolescent Speech.** The present article is the result of a study developed about identity questions from the perspective of French Discourse Analysis. Considering that the individual is constituted within discourse, it is from the discourse itself the attempt to consider identity as an effect created by the language and developed from discursive practices around a social-historical-ideological conjuncture. In this paper, the aim is to verify how the identity building of adolescents happens through discourse, taking into account that most studies related to adolescence brings an adult point-of-view and not the adolescents' themselves. The focus is not on the discursive practices that surround the adolescents but rather on what they have to say about themselves and the phase they are going through.

**Key words:** speech, adolescent, identity.

## Considerações preliminares

O termo “adolescência”, do latim “*adolescere*” (crescer), foi utilizado para abranger um estágio do desenvolvimento humano compreendido entre o período da infância e a fase adulta. Foi assim designado somente no início do século XX, pelo psicólogo americano G. Stanley Hall, que passou a estudar as peculiaridades dessa fase do desenvolvimento. Entretanto, a temática não é atual, pois o próprio Aristóteles já discutia na sua *Retórica* a condição dos “jovens”, isso no século IV a.C. (Eizirik, 2001).

A maioria dos estudos relacionados à adolescência parte da percepção do adulto a esse respeito e pouco ainda se sabe sobre como os próprios adolescentes percebem essa fase. Considerando essa questão, voltamos nosso olhar não para as práticas discursivas que circulam sobre o adolescente, mas para o que ele tem a dizer sobre si mesmo e a fase que atravessa.

Procuramos verificar a construção da identidade do adolescente que se produz dentro do seu discurso, observando como ele se constrói, as formações discursivas que o atravessam e o efeito de homogeneidade identitária que se produz. Tudo isso pautados nos pressupostos da Análise do discurso de linha francesa (doravante AD), sobretudo nos trabalhos de M. Pêcheux (1997) e Eni Orlandi (2002). Também utilizamos alguns referenciais da Psicanálise para tratar da questão da adolescência (Rassial, Aberastury e Knobel, entre outros).

## Partindo para o trabalho: coleta de dados, metodologia e sujeitos

Tendo em vista a proposta deste trabalho centralizar-se no discurso dos próprios adolescentes sobre si mesmos, procedemos à coleta de dados a partir de produções escritas realizadas por alunos do Ensino Médio de um colégio público da rede

Estadual de Irati, Estado do Paraná. Essa coleta se deu nos dias 5/8/2004 e 11/8/2004, com uma turma de cada ano dos períodos matutino e noturno, envolvendo adolescentes entre 15 e 17 anos, totalizando 140 textos coletados.

O colégio, pelos dados levantados, atende a um público heterogêneo, não havendo, contudo, muitas dissonâncias de ordem social, sendo que a maioria do público corresponde à classe média-baixa. Dizemos isso apenas para fornecer uma noção do público pesquisado, mas não discutiremos aspectos de cunho social, considerando a especificidade do trabalho.

A proposição da atividade girou em torno de duas questões, sobre as quais pedimos para que discorressem: “O que é adolescência para você?” e “Você se considera um adolescente? Por quê?” Antes disso, advertimos que, apesar de se tratar de uma produção escrita, gostaríamos que não se preocupassem com a “forma” como escreveriam, já que o que nos interessava era o conteúdo. Sendo assim, poderiam escrever livremente e da maneira mais natural possível. É claro que temos consciência das especificidades do código escrito; entretanto, procuramos amenizar as coerções não apenas pelo tipo de registro utilizado, mas muito mais pelas condições de produção: o ambiente era uma sala de aula, e as aulas utilizadas para tal atividade foram justamente as aulas de língua portuguesa. Dessa forma, procuramos amenizar o efeito de avaliação decorrente de tal situação.

As reações à proposta não foram muito diversas: alguns faziam brincadeiras, outros agiam com certa displicência, mas todos acabavam realizando a tarefa depois de indagarem como fariam e o quê, exatamente, gostaríamos que fizessem.

### Dialogando com a teoria

Tratar da adolescência sob o viés psicanalítico significa, talvez, cair em uma certa contradição. Considerando que a Psicanálise postula o primado da individualidade, torna-se complicado estabelecer características genéricas de um período do desenvolvimento humano. Contudo, isso tem sido feito e de alguma maneira o paradoxo é válido, já que existem muitas diferenças decorrentes do processo individual experienciado por cada adolescente. Concorrem, porém, paralelamente, fatores característicos do período que são comuns aos indivíduos que atravessam essa fase.

Como já dissemos, no presente trabalho procuramos analisar, a partir do discurso dos adolescentes, a sua concepção desse período. Para isso consideramos interessante uma revisão das

questões levantadas pela Psicanálise a esse respeito para que possamos estabelecer um paralelo. Entretanto, deixamos claro que não se trata de “enquadrar” os sujeitos ou a fala dos sujeitos na teoria, queremos apenas travar um diálogo, pois, como já enfatizamos, este estudo centraliza-se na concepção de adolescência dada pelos próprios sujeitos adolescentes e sua prática discursiva.

A Psicanálise vê a adolescência como uma fase em que ocorre um “trabalho de reorganização psíquica pós-pubertário, indispensável, que permite o acesso à castração genital e ao gozo, pólos reguladores da homeostase psíquica” (Kaufmann, 1996, p. 6). É, portanto, o momento de um retorno ao Édipo, que se encontrava em latência, rumo a uma subjetivação que conduz à conquista da identidade, grande triunfo dessa fase. O adolescente pode ser considerado um “sujeito em vias de transformação, imerso em um processo profundo de revisão de seu mundo interno e de suas heranças infantis, visando a adaptação ao novo corpo, às novas pulsões decorrentes da puberdade” (Eizirik, 2001, p. 128). O início da fase será marcado por um narcisismo, uma volta ao mundo interno até a evolução para os relacionamentos amorosos (descoberta do “outro”): “evolui do narcisismo ao amor objetual, do auto-erotismo à genitalidade” (Eizirik, 2001, p. 130). Haverá, como já mencionamos, uma espécie de retorno ao conflito edípico, momento em que se dará o deslocamento do “Outro” - objeto do desejo sexual - para o indivíduo do sexo oposto (em casos de heterossexualidade), rumo a uma maturidade psicosssexual.

Também podemos encarar a adolescência como uma fase de lutos, e esse é um ponto que a Psicanálise considera: “luto pela perda da identidade e do corpo infantil, bem como dos pais da infância” (Eizirik, 2001, p. 123). Acresce-se a esses lutos o luto pela identidade e papel infantil, seguido da busca de outra identidade. Em um primeiro momento, o indivíduo não concebe sua transformação corporal como o “ganho” de um novo corpo, mas sim a “perda” de um corpo infantil ao qual já estava adaptado e onde morava a sua identidade, tendo em vista a imagem corporal já consolidada; junto com isso, perde também os pais da infância e se dá conta de que está diante de pessoas totalmente desconhecidas: já não os admira como acontecia na infância: pelo contrário, enfim percebe que seus pais têm defeitos, e que nem sempre ou quase nunca estão certos. Esse embate com os pais é resultado do Édipo mais uma vez latente. Há, ainda, que considerarmos que sua identidade de criança é

perdida, o conflito com os pais se estabelece, então, pelo fato de o próprio adolescente não se (re)conhecer nesse momento. A elaboração desses lutos é que conduzirá a uma identidade sexual adulta e a uma construção da auto-imagem corporal e psíquica.

Arminda Aberastury e Maurício Knobel, no livro *Adolescência Normal* (1981), afirmam que a fase da adolescência pode ser relacionada a um estado psicopatológico, tendo em vista as características esquizóides de desequilíbrio e instabilidade presentes.

Anna Freud diz que é muito difícil assinalar o limite entre o normal e o patológico na adolescência, e considera, na realidade, toda a comoção desse período da vida, como normal, assinalando também que seria anormal a presença de um equilíbrio estável durante o processo adolescente. (Aberastury e Knobel, 1981, p. 09)

Considerando esse aspecto, Aberastury e Knobel (1981) instituiu o que chamou de “Síndrome Normal da Adolescência”, que seria justamente um estado semi patológico de desequilíbrios e instabilidades extremas. Essa “síndrome” consta das seguintes características:

**Busca de si mesmo e da identidade** – considerando a desorganização que se instaura nesse período, o adolescente passa por momentos de introspecção, a fim de poder se (re)conhecer, buscar dentro de si mesmo não uma identidade perdida (para a qual não se pode voltar), mas uma nova identidade que integra o seu passado com o novo que se apresenta. Essa identidade também diz respeito à identidade sexual que deverá se estabelecer nessa fase; poderão aparecer ainda “identidades transitórias”, as quais se configuram como tentativas de se encontrar;

**Tendência grupal** – esse aspecto é decorrente do item anterior – a busca da identidade –, o agrupamento de iguais dá sustentação, conduz à uniformidade, que é uma forma de defesa. Além disso, a aderência a um grupo é uma forma de oposição, negação das figuras parentais, afim de se dirigir ao meio externo;

**Necessidade de intelectualizar e fantasiar** – essa tendência também é uma forma de defesa que se estabelece no pensamento do adolescente, tendo em vistas as perdas por que passa. Assim ele utiliza a intelectualização e o ascetismo para lidar com o id que quer se impor. Esse é o momento em que muitos se dedicam a escrever, à literatura, à arte, filosofia, política, etc;

**Crises religiosas** – essas crises podem trazer oscilações de um misticismo fervoroso até um

ceticismo, tendo em vista a reorganização psíquica do momento e a discussão dos valores até então inquestionados;

**Deslocalização temporal** – a deslocalização temporal é uma das características do pensamento primário, o que também acontece com a noção espacial; nisso se verifica algumas características semi-psicóticas, assim como a ambigüidade peculiar ao período; poderia-se dizer que, na adolescência, concorrem um tempo existencial (o tempo em si), vivencial ou experiencial (rítmico) e um tempo conceitual (cronológico), sendo que esse último só será alcançado após a elaboração dos lutos;

**Evolução sexual manifesta** – a evolução sexual se dá no sentido do auto-erotismo (masturbação) até a heterossexualidade, sendo que esses dois momentos se imbricam no decorrer do amadurecimento sexual. A partir de quando o sujeito vai aceitando a sua genitalidade, torna-se mais fácil o contato com o parceiro, surge, então, o “amor apaixonado”, que é normalmente a primeira experiência amorosa, aquele amor frágil e intenso que exhibe extrema dependência; dessa primeira experiência evolui-se para os relacionamentos amorosos propriamente ditos. O Édipo ressurgue com o surgimento da genitalidade, sendo necessários mecanismos de defesa mais eficientes por parte do Ego para impedir a consumação do incesto, para que assim a simbiose originária não se restabeleça e o indivíduo possa rumar para a sua individualização;

**Atitude social reivindicatória com tendências anti-sociais** – vendo a sociedade, num primeiro momento identificada pelas figuras parentais, como hostil, o adolescente volta-se contra ela, clamando por mudança, indo de encontro a um superego social rigoroso; essas atitudes podem resultar em atitudes bem sucedidas- luta por uma sociedade melhor, por exemplo- como também em atitudes destrutivas, já que a sociedade e os pais muitas vezes são vistos como “inimigos”;

**Contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta** – essas contradições ocorrem, sobretudo, pelo fato da conduta do adolescente, e até seu próprio pensamento, estar dominado pela ação, onde os processos de projeção e introjeção são constantes e variáveis. Essa conduta apresenta-se de maneira extremamente instável e utiliza-se de uma frágil organização defensiva. “Estas contradições, com a variada utilização de defesas, facilitam a elaboração dos lutos típicos deste período da vida e caracterizam a identidade adolescente” (Aberastury e Knobel, 1981, p. 56);

**Separação progressiva dos pais** – essa separação ocorre principalmente porque o

adolescente precisa elaborar o luto pela perda dos pais infantis, o que auxilia também na constituição da sua identidade, entretanto se a identificação com os objetos primários se deu de maneira satisfatória, o indivíduo superará facilmente o retorno ao Édipo e não haverá maiores conflitos com os pais;

**Constantes flutuações do humor** – acompanha a adolescência um “sentimento básico de ansiedade e depressão”, sentimento esse que variará de intensidade conforme se derem as elaborações dos lutos. As mudanças de humor são uma espécie de “microcrises maníaco-depressivas” e ocorrem com todo adolescente, tendo em vista os mecanismos de projeção e luto.

Essas características constituem, portanto, a “Síndrome Normal da Adolescência” e as levaremos em consideração para analisar o material que coletamos com os adolescentes para tentar um paralelo.

A adolescência é, pois, um período de conflitos, bastante salientes no que se refere à questão sexual, que também é alicerce na formação da auto-imagem e, portanto, na construção da identidade. Ela faz da adolescência “um tempo de angústia porque para abordar o outro é preciso que o sujeito tenha onde se apoiar, simbolicamente falando, para reapropriar-se de sua imagem corporal e saber a que outro dirigir-se” (Palazzo Nazar *apud* Rassial (1999, p. 44). Assim institui-se, segundo Rassial, “uma dificuldade extrema dos jovens em nossa pós-modernidade: a dificuldade de se colocar como sujeito sexuado” (1999, p. 77).

Já que estamos tratando de sujeito, mais propriamente de sujeitos adolescentes, precisamos saber o que os torna detentores dessa identidade, o que faz com que eles sejam o que são. Adolescentes são adolescentes por causa da idade cronológica, do modo como se vestem, das características biológicas? Enfim, o que faz com que um indivíduo seja um adolescente? Acreditamos que as práticas discursivas é que sejam responsáveis pelo efeito de identidade que nos permite homogeneizar a classe que rotulamos de “adolescente”. Assim, a identidade é pensada a partir dos discursos que a regulamentam, já que é a partir do discurso que nos configuramos como sujeito, se considerarmos que o discurso é a via de materialização da ideologia e essa é a “condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (Orlandi, 2002, p. 46).

O discurso é a língua em trabalho efetivo (Orlandi, 2002, p. 15), não a língua enquanto sistema. Sendo ele um objeto sócio-histórico, é um instrumento que pode nos fornecer dados sobre a pessoa que está falando. Dessa forma, fomos buscar

saber, através do discurso dos adolescentes, quem são eles e como se auto-representam em suas falas.

A base teórica deste trabalho parte do intercâmbio entre a Psicanálise e a Análise do Discurso, já que temos como dados a materialidade discursiva das falas dos adolescentes, procuramos respaldo, portanto, em teorias que tratam do elemento discursivo dentro da psicologia e lingüística, respectivamente.

A Análise do Discurso (AD) de linha francesa surge na década de 1960, postulada na conjectura do tripé Lingüística, Psicanálise e Marxismo. Propõe uma investida na linguagem além da dicotomia saussureana (língua x fala), baseada no “discurso”, ou seja, não partirá da língua enquanto estrutura, como já tratamos, mas da língua em seu “percurso”, uso efetivo, considerando o contexto, a ideologia, a posição do sujeito falante, enfim, considerando todo o processo discursivo.

A AD coloca-se, então, como postulou Orlandi (2002), como uma disciplina de “entremeio”, ao mesmo tempo que reivindica um campo disciplinar autônomo, a fim de dar conta do seu objeto: o discurso, tendo em vista que ele se configura não somente como objeto lingüístico, mas social/histórico/ideológico e, ainda, psicanalítico.

Neste sentido, a língua é vista como produto histórico-social e o sujeito falante como “assujeitado”, porta-voz de instituições, ou do seu tempo. A noção de sujeito é tributária da noção de assujeitamento ideológico proposta por Louis Althusser em *Aparelhos Ideológicos do Estado* (1976) (cf. Maldidier, 2003), a que se acrescentará, posteriormente, a noção de interpelação também pelo inconsciente.

O “discurso” se configura como “efeito de sentido entre interlocutores” segundo o conceito de Michel Pêcheux (*apud* Orlandi, 2002, p. 21) e, portanto, o sujeito situa-se na bipolaridade do “eu” e do “outro”, sendo este último intimamente responsável pela construção da identidade desse sujeito.

A AD concebe o discurso como formado e perpassado por vários outros discursos que o antecedem ou que acontecem simultaneamente e é isso que faz com os efeitos de sentido se dêem, pois somente pela referência a outros discursos, algo pré-conhecido, é que os enunciados fazem sentido para determinado ouvinte. Disso decorre o termo “interdiscurso”, que é aquilo que “fala antes” e “memória discursiva”, que seria “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”

(Orlandi, 2002, p. 31). O interdiscurso é o eixo discursivo que possibilita a existência de outros discursos e promove as relações de sentido.

O discurso, visto em sua relação com o outro – o interlocutor –, faz com que seja constituído por um eterno jogo de imagens, as chamadas **formações imaginárias** de que trata Pêcheux em *Semântica e Discurso* (1997). Essas formações imaginárias são o que determinam o que e como dizemos algo, tendo em vista para quem e em que situação estamos proferindo a nossa fala. Isso nos permite fazer **antecipações**, ou seja, “prever” que tipo de repercussão terá o nosso discurso, o que nos leva a adequá-lo a determinadas situações e conforme o tipo de resultado que desejamos obter.

As **condições de produção** assumem vital importância para a Análise do Discurso; elas compreendem os sujeitos falantes e a situação enunciativa. As principais são a instância verbal de produção do discurso, as regularidades, o léxico, o contexto histórico-social.

Em *Semântica e Discurso*, Pêcheux (1997) aborda os **esquecimentos**, alargamento da noção de interpelação, análoga ao postulado freudiano do aparelho psíquico. Trata-se do “acobertamento da causa do sujeito no próprio interior de seu efeito, ou seja, o sujeito se constitui pelo esquecimento que o determina” (Teixeira, 2005, p. 48). O *esquecimento nº 2* é o esquecimento da ordem da formulação, pelo qual fazemos “escolhas” na produção dos enunciados, negligenciando as outras formas que poderiam formular o dizer; já o *esquecimento nº 1* é da ordem do inconsciente, é o que produz a ilusão de origem, instância que nos faz crer “senhores” do nosso dizer.

Há ainda o conceito cunhado por Orlandi (2002) de *paráfrase*, que é o dizível, o retornar a algo já dito, o que leva à “produtividade”, ou seja, à variação do mesmo; e a *polissemia*, que é o contrário da paráfrase, implica no “diferente”, na subversão às regras, produzindo sentidos também diferentes e conduzindo à “criatividade”, que é o que mantém a língua em movimento (Orlandi, 2002, p. 36-37). Ainda podemos citar a negação, muito comum em quase todo tipo de discurso, podendo ser explícita ou não, podendo aparecer através de demarcadores característicos como “não”, “a”, “contra” etc., mas também aparecendo sob a forma de esquecimento ou ainda pela afirmação de algo na tentativa de silenciar/negar um dito anterior. Esses são alguns dos principais conceitos da AD e cremos que já são suficientes para embasar a análise que ora faremos.

A área em questão permite, através da observação das condições de produção, entre outros elementos

de análise, a investida no discurso do adolescente, procurando as regularidades e/ou discrepâncias que possam existir, para que assim possamos compreender de onde e como se dá o processo identitário desse indivíduo a partir do seu discurso.

### Discurso dos adolescentes: consonâncias e dissonâncias

Utilizamos os termos “consonâncias e dissonâncias” para designar essa análise, porque surgiram muitos pontos que “consoam” com o que sabemos (e está arquivado na nossa memória discursiva) a respeito de adolescência, ou seja, o que já prevíamos. Da mesma forma, apareceram algumas características que fogem a toda uma expectativa-antecipação- não que isso seja negativo, pelo contrário: é exatamente esse tipo de ocorrência “não esperada” que incita e valida uma pesquisa.

Antes de partirmos para a análise dos textos, atentamos para um fato que nos chamou a atenção durante a coleta de dados. Várias pessoas pediram se podiam realizar a “tarefa” a lápis. Esse fato nos levou a uma reflexão sobre o que isso poderia significar: como o lápis dá a possibilidade do erro, de se poder apagar, uma palavra correlata à adolescência surge: “insegurança”, palavra essa que se tornou nítida durante a leitura dos textos produzidos pelos adolescentes. Muitos enunciados com titubeios demonstram esse caráter: “na minha opinião, eu acho, não sei...” (S.A.M.- 16 anos); “...acho que tenho juízo suficiente de vez em quando” (E.K.- 17 anos). Esses titubeios, a utilização de “eu acho”, são bastante comuns na linguagem oral, porém no texto escrito causam um certo estranhamento, parece instaurar um lugar de falta, dado pela própria linguagem.

Outro aspecto interessante é que as meninas escreveram muito mais do que os meninos, inclusive alguns desses últimos limitaram-se a escrever uma frase, algumas palavras, apenas “responderam” aos questionamentos. Esse fato poderia dar margem a muitas interpretações, contudo não pretendemos entrar em uma discussão de gênero, citamos o fato apenas por considerá-lo relevante.

A grande maioria das produções escritas abordou o tema de forma genérica e impessoal, apesar de termos frisado insistentemente que eles colocassem uma visão pessoal no texto. Usavam termos como “os adolescentes”, “eles”, enfim, poucos se incluíam no grupo do qual falavam. Esse aspecto talvez possa ser explicado pelas condições de produção: devemos considerar que a escrita é em si mesma mais formal e impessoal e o fato de termos dito que eles poderiam escrever da maneira como falavam não atenua muito

essa condição. Dentro ainda das condições de produção podemos levantar a situação de pesquisa que foi declarada aos sujeitos, ou seja, eles estariam de alguma forma sendo avaliados. Muitos perguntavam se íamos ler, mostrar na universidade, enfim, queriam saber para que motivo teriam que escrever, o que é perfeitamente natural, já que nossa linguagem depende desse fator.

As palavras-chave na caracterização de “adolescência” foram “descobertas”, “responsabilidade” e “diversão”. No entanto, a palavra-chave dos textos, apesar de não aparecer em nenhum deles, foi “ambigüidade”. Verificamos esse caráter não somente entre os textos, comparativamente falando, mas, também, em um mesmo texto e em várias ocorrências. Vejamos:

- 1) “Eu me considero um adolescente por que sou livre, dependendo da minha família e sou mais responsável pelas coisas que eu faço.”<sup>1</sup> (F.C.O., 16 anos).
- 2) “Muitos pensam que é muita festa, estudo, trabalho; outros pensam em só bagunça, etc. Eu me considero um adolescente, pois eu sou um deles que só pensa em bagunça e festa.” (T.A.L., 16 anos).
- 3) “Para mim a adolescência é ser mais velho, ter responsabilidade. É uma fase que tudo é brincadeira e festa.” (A.K. 15 anos).
- 4) “A adolescência é uma fase bem complicada acho, e ao mesmo tempo também não.” (M.A.C., 16 anos).

No enunciado nº 1, o recorte “dependo da minha família” instaura o efeito de ambigüidade na relação com as outras seqüências do enunciado, ou seja, não corresponde ao encaminhamento previsível da sentença, o que produz o efeito de um sujeito contraditório. No enunciado 2 acontece mais ou menos a mesma coisa: ao dizer “muitos pensam...” e “outros pensam”, o locutor não se inclui na classe da qual fala, o que se marca pelos vocábulos “muitos” e “outros”. Mais que isso, ao falar dessa maneira, o locutor empunha um tom moralista, o que se torna discrepante pela afirmação posterior “Eu me considero um adolescente, pois eu sou um deles que só pensa em bagunça e festa”. O caráter contraditório persiste no enunciado 3 entre um período e outro, que apresentam idéias contrárias. O enunciado 4 fala por si mesmo, contudo o uso de “acho” possibilita uma ligação com os outros enunciados, já que denota um grau de incerteza no que se diz.

Essas ambigüidades internas, ou seja, presentes em um mesmo texto ou até em um mesmo

enunciado – como os apresentados acima –, parecem corresponder ou materializar as “contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta”, uma das características da “Síndrome Normal da Adolescência” de Aberastury e Knobel (1981).

A questão “ambigüidade” tornou-se visível principalmente nos critérios responsabilidade e diversão. Alguns consideram a adolescência a fase da diversão – “curtir a vida”. “Para mim adolescência é um momento de nossa vida que nós queremos curtir, ser muito feliz...” (D.F. 16 anos), o que podemos verificar também na definição de adolescência dada por um garoto de 15 anos: “Só agito e locurada” (T.L.).

De um outro lado, e completamente opostos a essa visão, estão os que vêm a adolescência enquanto entrada em um mundo de responsabilidade, ou seja, a fase em que se começa a ter que lidar com questões sérias e a responder por si mesmo. “...é a fase que deixamos de ser crianças e começamos a ter responsabilidades...” (R.P.K. 16 anos). Como podemos perceber, as duas concepções não possuem nenhuma relação, pertencem a formações discursivas opostas. Parece-nos estranho que existam duas opiniões tão opostas a respeito de um mesmo assunto e dentro de um grupo pretensamente homogêneo. Porém, podemos remontar ao conceito de heterogeneidade enunciativa de J. Authier-Revuz (1990), segundo o qual o sujeito, por ser heterogêneo, manifesta na sua fala marcas dessa heterogeneidade.

O que a autora define como “heterogeneidades enunciativas” compreende a heterogeneidade constitutiva, aquela pela qual o “eu” pensa falar – ilusão narcísica – que se constitui basicamente pela interferência do interdiscurso e do inconsciente; e a heterogeneidade mostrada, que é a presença do “outro” no texto, marcada explicitamente através de aspas, discurso direto e indireto livre, glosa, citações, etc.

A noção de heterogeneidade constitutiva nos interessa sobremaneira, já que é ela que dá novo estatuto ao sujeito discursivo, inaugura a presença determinante do “outro” no mesmo e apresenta essa como condição fundamental, ou melhor, constitutiva. A Psicanálise contribuiu para essa designação de sujeito da terceira fase da AD, segundo a qual não falamos sempre o que queremos, como e da maneira que queremos, mas estamos “sujeitos” a inúmeros fatores e um deles é a manifestação do inconsciente e isso é que faz com que passemos de indivíduos a sujeitos.

Entendendo o sujeito como um efeito de linguagem, a Psicanálise busca as formas de constituição desse

<sup>1</sup>Transcrevemos excertos dos textos, tais como foram escritos pelos adolescentes.

sujeito não no interior de uma fala homogênea, mas na diversidade de uma fala heterogênea, que é consequência de um sujeito dividido (Brandão, 1998, p. 43).

Acreditamos que esse conceito de heterogeneidade constitutiva dá conta das manifestações apresentadas pelos adolescentes, já que nas vozes deles parecem concorrer outras vozes que são, muitas vezes, discrepantes.

Outra ambivalência surge também em relação à dependência dos pais, geralmente vista como obstáculo a uma liberdade tão desejada, mas também como possibilidade de “curtição”, tendo em vista que o contato com o “trabalho” é apresentado como fator aversivo e até coercitivo da parte boa de ser adolescente. Aliás, segundo eles, trabalho está diretamente ligado ao mundo adulto e significa restrição à diversão. A entrada no mundo adulto, para a maioria, significa ter que trabalhar, ser responsável e não se divertir, ou se divertir muito pouco; para alguns é mesmo o fim das coisas boas da vida. Vejamos o que diz o garoto T.M.G.S., 15 anos, a esse respeito: “Adolescência para mim é poder fazer tudo que quero, porque quando passar dessa fase vou ter que trabalhar”. Esse tipo de visão reflete o interdiscurso que postula que adultos têm que trabalhar; sendo assim, ele infere que, quando adulto, seguirá o mesmo caminho, uma espécie de determinismo. Em outro momento, uma adolescente de 16 anos, “C”, diz que “ser adolescente querer ser meio dependente. Querer ter a suas coisas (...) seu próprio dinheiro”. O termo usado “meio dependente”, parece ser um “erro”, tendo em vista o encaminhamento da sentença, que exigiria o termo “independente” contudo será o “erro” essencialmente acidental? Um lapso ou não, ser “meio dependente” significa estar no “meio” termo, não ser nem totalmente independente nem dependente também.

Nos discursos sobre o trabalho perpassa um interdiscurso baseado em uma formação ideológica de base capitalista, na qual se inserem as palavras trabalho, lucro, riqueza, dinheiro etc. Percebemos que esses aspectos são muito determinantes na fala dos adolescentes.

A palavra “aborrecência” apareceu com frequência nos textos dos alunos, no sentido de caracterizar o que os “outros” (família/sociedade) pensam e/ou dizem a respeito deles. O trocadilho, que já se tornou chavão, reflete a voz cristalizada no discurso do senso comum que concebe a adolescência como uma fase de aborrecimentos e o adolescente como indivíduo chato, que “aborrece” as pessoas. Isso pode ser verificado, respectivamente,

nos excertos seguintes:

- 1) “Adolescência é uma fase aborrecente, cheia de complicações, mudança de corpo, física e mental” (M.P.M., 15 anos).
- 2) “Me considero porque minha família me chama de ‘aborrecente’, acho que eles me vêem melhor que os outros e me examinam mais” (L.A., 15 anos).

Os sujeitos pesquisados apresentam uma concepção da adolescência, já que é a fase transitória da infância para a maturidade, como passageira, o que leva a uma necessidade de aproveitá-la o máximo possível: “...você tem que aproveitar porque logo vai virar adulto e vai ter compromissos” (A.M. A., 15 anos). Disso decorre uma outra questão, que se mostrou constante em quase todos os textos: é preciso aproveitar, “curtir”, mas também é preciso ter cautela para não agir de forma errada e depois se arrepender. Isso pode ser verificado na fala de muitos dos adolescentes, como, por exemplo: “...devemos ter muito cuidado para não fazer nada de errado e se arrepender depois” (J.A.S., 16 anos). O arrependimento, o medo, a frustração parecem ser os grandes fantasmas que agem como forma de controle aos impulsos do sujeito adolescente, que acaba incorporando as vozes coercitivas que circulam na sociedade como meio de controle.

A questão da decisão e do futuro também aparecem com bastante frequência. Nesse aspecto, os adolescentes nos pareceram bastante extremistas e, de certa forma, afetados por uma formação discursiva neo-liberal. Extremistas porque colocaram tudo em termos de “bem ou mal”, “tudo ou nada”, “bom ou ruim”; e liberal<sup>2</sup> porque acreditam ser responsáveis pelo seu próprio futuro, não considerando a influência social e as dificuldades do mundo externo. “Esse é o momento onde a pessoa tem a oportunidade de delinear o seu futuro, fazendo-o bom ou se iludindo com coisas passageiras destruindo sua vida” (L.S., 15 anos). Neste sentido, são eles que determinam o que serão e só há dois caminhos para seguir: o do bem, que inclui estudo e posteriormente um bom trabalho; e o do mal, que geralmente está associado às drogas, à libertinagem e leva invariavelmente ao arrependimento.

O discurso sobre as drogas configura um outro ponto bastante tocado, observamos a fala do adolescente impregnada da fala oriunda do senso comum, que diz que o “mundo das drogas” é um lugar terrível, viagem sem volta, entre outros

<sup>2</sup>Utilizamos aqui o termo “liberal” no sentido de designar o indivíduo interpelado pelo Liberalismo, movimento inerente ao Capitalismo, muito presente na atualidade.

chavões: “Um problema grave é a influência das drogas na vida do adolescente. É preciso ter muita responsabilidade para não cair nesse mundo terrível” (D.V.K., 17 anos). Essas repetições, ecos interdiscursivos, refletem o fenômeno que a Análise do Discurso chama de paráfrase, ou seja, um retornar ao mesmo. Outro fator interessante é que consideraram, nesse aspecto, apenas as drogas ilícitas; o álcool, por exemplo, é visto como parte da “curtição” e das coisas “boas” da adolescência: “não entrar no mundo das drogas, mas tomar um gole às vezes é bom” (S.J.C.J., 17 anos). Nesse enunciado ocorre uma “negação”, um silenciamento da voz que condena o uso do álcool.

Dentre os assuntos pertinentes à adolescência, falam em “mudanças”, “confusão”, passagem para a vida adulta, conflito com os pais, diversão, mas a questão da sexualidade é posta geralmente de maneira encoberta, falam de “mudanças corporais”, atração pelo sexo oposto, mas muito poucos tocam no assunto sexualidade propriamente dito, e se o fazem, fazem de maneira velada ou em tom de zombaria, como se quisessem falar de algo sem saber como, ou mesmo precisassem avacalhar, já que têm dificuldades para lidar com isso. Por exemplo, R.V.B., 15 anos – diz que a adolescência “É o período que seu corpo começa a mudar (...) É o período em que descobrimos a paixão, o amor, às vezes o sexo, e as primeiras decepções.” Já um outro adolescente se enquadra em um segundo grupo (composto apenas por meninos) que fala de sexo em tom de gozação, com o intuito de chocar, constranger o interlocutor: “...meus hormônios estão se desenvolvendo, hoje já ejaculo (gozo) já penso em pegar em meninas de todas as posição...” (E.S., 15 anos). Podemos perceber nesse enunciado o fenômeno da antecipação, quando ao falar buscamos, através das formações imaginárias, prever a reação do nosso interlocutor. Além disso, o excerto está imbuído de características do discurso machista, sobretudo no que diz respeito ao último período, quando o menino utiliza o verbo “pegar” para designar a forma como interpela as mulheres/meninas, e esse verbo já traz em si uma conotação pejorativa.

Ainda no que se refere à concepção de adolescência, não tocaram muito na introversão, característica atribuída freqüentemente a essa fase; pelo contrário, os adolescentes falam bastante nos seus grupos de amigos, com os quais acreditam formar uma massa homogênea. Sempre falam em “sair com os amigos”, ir em festas, enfim, demonstram ser indivíduos completamente sociáveis. Também as questões “ídolos” e “religião”

foram tocadas apenas uma vez cada uma.

Quanto à postura revolucionária de que fala Knobel, também quase não houve manifestação. Sentimos um certo “conformismo” por parte dos adolescentes, eles se revelaram extremamente integrados ao sistema vigente, afirmam “ter” que arrumar um bom emprego, estudar para “ser alguém na vida” e coisas afins. A única manifestação que pode ser considerada de cunho revolucionário ou anti-social é a de uma adolescente:

- 1) “Tipo assim, um exemplo é o estilo de uma pessoa de como ela se veste ou como age, tipo uma coisa que eu fico fudida da cara, é o porquê que as meninas tem que ser aquelas patricinhas engomadinhas e não podem ter um estilo mais solto, como eu poderia dizer!?! Como eu por exemplo, me considero uma SKATISTA ou seja, os mau compreendidos da sociedade, a mancha negra!” (J.A.P., 15 anos).

Essa declaração parece mais uma manifestação de revolta contra um padrão instituído, nesse caso as “patricinhas”, padrão feminino vigente. Vislumbramos na fala da adolescente o discurso revolucionário, explícito em “os mau compreendidos da sociedade, a mancha negra!”.

Também notamos uma outra questão bastante relevante relacionada à sociedade atual: o consumismo. Observemos o trecho:

- 1) “É nessa fase que deixamos nossos pais loucos, a maioria dos adolescentes hoje tem celular, um computador e por quê? Porque é uma maneira de comunicação, pois sentimos necessidade de comunicação. Muitos são vaidosos, eu pelo menos sou, quando surge algo novo que todos usam, tem que comprar...” (S.M., 15 anos).

A questão do consumismo aqui está ligada à vaidade e à comunicação. No entanto, essas justificativas são falaciosas, uma vez que não há justificativa plausível, apenas afirma-se “ter” que comprar as coisas que os adolescentes “precisam”. O fato de a maioria dos adolescentes possui computador e celular é atribuído à necessidade de comunicação. O tipo de comunicação a que se refere, entretanto, é silenciado, a comunicação virtual é apresentada como a única forma de comunicação.

Segundo Levisky (1998), a identificação com a sociedade pode ocorrer de forma negativa, sobretudo em países subdesenvolvidos, tendo em vista a fragilidade do sistema educacional e as condições de vida, além de um claro interesse da classe dominante. Esse interesse é defendido ideologicamente, o que conduz a um “estado de dependência, passividade e submissão” (Levisky,



1998, p. 77). Esse fator pode ser uma explicação para esse “acomodamento” por parte dos adolescentes em face do sistema vigente e sua submissão e permissividade em relação a outros assuntos como o consumismo etc.

O fator preponderante nos textos é que a adolescência é uma fase boa, sobretudo por estar associada à diversão e à pouca responsabilidade, a maioria das questões pertinentes à fase foram levantadas, exceto, como já dissemos, sexualidade, religião, introversão e postura revolucionária. Isso nos leva a repensar um pouco se as características atribuídas ao sujeito adolescente ainda são válidas.

Quanto à segunda questão proposta, se eles se consideram adolescentes, quase todos responderam afirmativamente, mas tiveram dificuldade para justificar sua resposta. Apareceram justificativas óbvias que utilizavam o critério da idade ou simplesmente o fato de estarem enquadrados nas questões que colocaram a respeito de adolescência. Exemplo: “Me considero adolescente porque gosto de todos esses itens acima e também pela idade, sou nova ainda e tenho que aprender muitas coisas.” (M.K., 16 anos). Alguns disseram ser adolescentes porque ainda dependem dos pais e não têm muita responsabilidade; vários afirmaram se considerarem adolescentes porque só querem “curtir a vida” Exemplo: “sim, porque eu quero curtir a vida” (N.I., 16 anos); “eu curto a vida adoidado” (R.I.S., 15 anos). Nessa questão aparece a mesma dicotomia da primeira em relação à concepção de adolescência: “Eu sou uma ‘aborrescente’, porque estou em uma fase que tenho responsabilidade, porém quero curtir a vida, mas com a cabeça no lugar” (L.C.V., 16 anos). O quesito responsabilidade versus curtição parece ser muito presente na vida dos adolescentes, de certa forma essa antítese é resolvida ou atenuada com o equilíbrio, para que não haja arrependimento, caminho eminente para quem se posiciona num dos extremos.

Alguns justificaram o fato de serem adolescentes pelos caracteres sexuais: “Eu me considero adolescente, porque eu já estou menstruada e faço tudo o que eu quero” (C.B., 15 anos). Essa justificativa é bastante interessante: nela parece perpassar o discurso médico/biológico, por associar o fato de ser adolescente a um acontecimento biológico, e ainda parafrasear o enunciado difundido pelo senso comum que diz: “você é uma mocinha”, etc...

Na esteira da sexualidade, outra justificativa que surge é a seguinte: “Eu me considero um adolescente pois já estou no alto de minha carreira, e já descobri altos lances, etc” (N.S.M., 16 anos). Não dá para saber exatamente que tipo de “carreira” ele

está se referindo, mas inferimos que seja sexual, tenho em vista a utilização posterior de “altos lances”, que designa algo encoberto, que não pode ser dito, sem falar na continuidade denotada pelo “etc” do final do enunciado.

Entre os que disseram não se considerarem adolescentes que representam uma minoria (menos de 10%), afirmam serem “jovens” e atribuem a isso o fato de terem responsabilidades e/ou serem mais maduros.

### Considerações finais

No presente estudo procuramos levantar algumas questões a respeito da concepção de adolescência dada pelos próprios adolescentes. Para tanto partimos de alguns pressupostos psicanalíticos e da Análise do Discurso, e sob essa ótica analisamos nosso objeto: o discurso do adolescente.

Temos consciência de que a análise é fragmentada, fizemos um recorte, e muitos dados não foram considerados suficientemente, assim como muitas questões levantadas mereciam um tratamento mais satisfatório. Entretanto, precisamos considerar o espaço reduzido e a incompletude característica do próprio sujeito e da linguagem. Neste sentido, levantamos aquilo que nos saltou aos olhos dentro das produções escritas dos adolescentes para uma visão geral do seu discurso.

Os adolescentes falaram em responsabilidade, diversão, trabalho, namoro, mudanças de ordem física, psíquica, social etc., relação com os pais, amigos, entre outros. Foram um tanto distantes, impessoais, o que talvez possa revelar uma forma de defesa, é realmente difícil e constrangedor falar de si mesmo. Há, ainda, o fato da tarefa ter sido realizada através de produções escritas, a escrita estabelece uma distância entre os interlocutores, sem falar no espaço utilizado: o ambiente escolar.

A questão da ambigüidade discutida na análise mostrou-se algo intrínseco à figura do adolescente, o que vem ligado à insegurança e a outros fatores decorrentes da formação da identidade, buscada nesse período. Essa identidade é regulamentada a partir de práticas discursivas que se estabelecem no momento histórico-social, o que verificamos na relação dos adolescentes com o estudo, trabalho, na emergência do consumismo, da tecnologia e na sua posição de “passividade” em relação ao sistema.

Enfim, esse discurso revelou, a nosso ver, um assujeitamento<sup>3</sup> visível. Os pontos levantados, da

<sup>3</sup>Utilizamos o termo “assujeitamento” no sentido de um aprisionamento, sujeição à ideologia corrente.

forma como foram levantados, refletem exatamente o discurso do senso comum. Tudo o que se afirma não somente entre adolescentes foi re-dito, os tabús foram mantidos e ainda um discurso moralista, completamente dissonante das atitudes mencionadas pelos adolescentes, pairou em quase todos os textos.

Sendo assim questionamos: que voz ou que vozes estão falando na voz desses adolescentes? Parecem muitas e, ao mesmo tempo, uma única e grandiosa voz que reflete toda uma conjuntura social que ao mesmo tempo que dá ao indivíduo a “liberdade” para ser quem quiser, impõe padrões e é cheia de restrições, lacunas e contradições.

### Referências

- ABERASTURY, A.; KNOBELL, M. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 19, p. 25-42, 1990. (Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi).
- BRANDÃO, H.H.N. *Subjetividade, argumentação, polifonia*. A propaganda da Petrobrás. São Paulo: Editora Fundação Unesp, 1998.
- EIZIRIK, C.L. et al (Org.). *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- KAUFMANN, P. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. (Trad. Vera Ribeiro e o Maria Luiza X. A. Borges)
- LEVISKY, D.L. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003. (Trad. Eni. P. Orlandi).
- ORLANDI, E.P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. (Tradução: Eni P. Orlandi).
- RASSIAL, J. *O adolescente e o psicanalista*. Curitiba: Artes Médicas, 1999. (Trad. Leda M. F. Bernardino).
- TEIXEIRA, M. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

Received on October 23, 2006.

Accepted on December 18, 2006.